

## O castello de Braga

## I

## Projecto de conservação e restauração

«Não passava despercebido a ninguém, que fosse á formosa capital do Minho, o grave e vetusto castello, com as suas ameias e a sua torre de menagem, no ponto mais central da cidade, olhando para o jardim e para a Rua do Souto, e que, após as fases historicas por que passou, de defesa da cidade no tempo dos Romanos, com as suas pontes levadiças que o communicavam com duas das portas principaes da velha Bracara, servia de prisão e cadeia civil.

Era um velho monumento, digno de respeito pela grave austeridade das suas torres quadrangulares, dos seus terraços e da sua significação historica através das gerações.

A camara de Braga resolveu ultimamente demolir a sentinella de granito do passado. Houve, porém, protestos vehementes contra essa profanação monumentaria; e a tal ponto, que foi consultada a Comissão dos Monumentos Nacionaes, sobre se o castello deveria, ou não, ser conservado nas suas linhas severas, no seu arcabouço de pedra, que o tempo respeitára, e que, do alto das ameias, recordava a luta antiga, o esforço e a tenacidade dos habitantes da linda cidade do Minho, os lances mais intensos e as pugnas mais accesas na conquista ou na defesa das suas liberdades.

A resposta a essa consulta, e que é uma memoria modelar assinada pelo Sr. Conselheiro Augusto Fuschini, presidente da comissão executiva do Conselho dos Monumentos Nacionaes, e pelo Sr. D. Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, secretario da mesma comissão, considera e revindica como monumento nacional, e portanto digno de conservar-se intacto, o velho castello de Braga.

## a) Construções medievaes.—Ruinas do castello

Na *Memoria* alludida dizem os seus autores que, pelas construções ainda existentes, o monumento deve datar do sec. XIII, sendo, aliás, muito provavel que várias reconstruções aproveitassem trabalhos romanos, visto que Braga foi um centro militar importante no tempo do dominio romano na peninsula iberica.

Das antigas muralhas do castello restam ainda algumas torres, mais ou menos arruinadas ou perdidas e disfarçadas entre a casaria moderna. Na muralha peripherica é natural que existissem várias portas, embora

os vestígios d'ellas tenham desaparecido pela acção do tempo e da ignorancia vandalica das gerações que, a partir principalmente do sec. XVI, se encarniçaram, por toda a parte e em quasi todos os paeses, em destruir as construcções medievas.

Das portas da cidade, as duas principaes deviam ser a do *Souto* e de *S. Francisco*, ambas no extremo oriental da cidade, distando entre si cêrca de 65 metros. Neste espaço se encontrava, encostado á muralha da cidade, um recinto fortificado, independente, ou castello, que foi provavelmente destinado a reforçar a defesa d'estas duas portas da cidade.

Em regra, as portas das cidades medievas eram constituídas por duas torres, entre as quaes um espesso lanço de muro menos elevado offerecia larga entrada abobadada para o interior da povoação. Fortes portas de madeira, reforçadas por grandes e complicados lemes de ferro, fechavam durante a noite ou em caso de guerra essas entradas, bem defendidas, alem d'isso, pelas torres lateraes e pelos *mâchecoulis* que na muralha ficavam superiores ás portas. Muitas vezes, em frente das portas, pelo menos, um fosso profundo era vencido pela ponte levadiça, que, levantada, difficultava a passagem do fosso e constituia ainda outra defesa, alem das portas de madeira chapeadas de ferro e grossa pregaria.

O terraço da muralha permittia a ligação entre as duas torres e facultava a defesa contra os assaltantes.

Exceptuando talvez o fosso e a ponte levadiça, assim foram construídas as portas das velhas muralhas romanas e medievas da cidade de Braga.

Depois de várias considerações judiciosas, a *Memoria* accentua a desconfiança de que a torre de menagem pertencesse a outro recinto fortificado, anterior naturalmente ao castello, e por elle simplesmente aproveitada.

A elegancia da torre e a sua excellente construcção fazem suppor a hypothese de uma obra romana.

#### b) Signos ou desenhos.—Restos actuaes

A existencia de lavrados nos silhares não prejudica esta hypothese, porque estes signos, sendo característicos nas construcções da idade média, apparecem tambem nas construcções romanas; alem d'isso, a velha torre romana soffreu restaurações successivas.

Assim as janelas do norte e do poente são pequenas, simples e de volta inteira, ou de ogiva muito abatida, emquanto as duas outras,

as do nascente e do sul, são geminadas e maiores. Não é nada provável que o constructor primitivo da torre sem razão esthetica plausivel fizesse as janelas desiguaes. Foram condições e necessidades posteriores que exigiram esta transformação.

A *Memoria* descreve depois as actuaes ruinas, o castello em todas as suas faces, frisa as construcções que o mascararam e põe em relevo, como mais importante, a torre que faz parte da antiga porta do Sol. As suas espessas muralhas estão bem conservadas. Exteriormente occulta em parte por algumas construcções que lhe encostaram, entre ellas uma pequena capella ou *paço*, como a torre as excede em altura, deixa ver de longe o coroamento ameado numa grande extensão. Seria facil e economico demolir estas pequenas construcções, deixando livre a torre na sua quasi totalidade.

O lanço da muralha está quasi todo descoberto e offerece um bello cunho da antiguidade. É um valioso trecho das antigas fortificações, que, alem d'isso, conservará as torres das suas portas principaes de Braga da idade média.

c) Conclusões.— O castello deve conservar-se

A *Memoria* da Commissão Executiva dos Monumentos Nacionaes põe em relevo a necessidade das pequenas cidades se convencerem de que devem conservar, tanto quanto possivel, o seu caracter antigo e historico.

Quando os vestigios antigos, historicos ou artisticos não podem ser salvos, ao menos existe a compensação de uma nova arte e de novos caracteres estheticos, e, muitas vezes, razões de saneamento, que desculpam destruição.

Ainda assim, as grandes cidades preferem sempre criar novos bairros, deixando intactos esses vestigios, que lembram passadas grandezas e lhes dão um bello caracter de antiguidade.

Roma, por exemplo, está semeada de ruinas. O grande *Forum* e o *Palacio dos Cesares* occupam uma superficie immensa em sitio excellente para abertura de novas avenidas e construcção de palacios modernos, e ninguem se lembrou de as destruir; pelo contrario, pensa-se, ou pensou-se, em arrasar as novas edificações circumvizinhas, para cercar as ruinas de vastos jardins.

Certamente não soffre comparação, nem historica nem artistica, o modesto castello de Braga com as imponentes ruinas do *Forum romano*; mas tambem a pequena cidade de Braga não soffre confronto com a grande Roma, cujas necessidades sociaes crescem de dia para dia.

Assim seria um attentado historico e artistico sacrificar os restos do velho castello, ideia nascida do erro em que laboraram os que suppõem alcançar um beneficio pecuniario, que em caso algum é licito esperar em attendivel importancia.

A Commissão é de parecer:

1.º Que o edificio da cadeia actual deve ser immediatamente condemnado e substituido. O edificio condemnado póde ser vendido para outras applicações, ou demolido e demolido o respectivo terreno.

2.º As torres n.º 2 e n.º 3, que fizeram parte respectivamente das Portas de S. Francisco e do Souto, bem como o lanço da muralha entre ellas intercallada, devem ser conservadas e quanto possivel limpas de construcções modernas.

3.º O interior d'estas torres, assim como as salas da residencia do alcaide, devem ser restauradas, applicando-as a camara para museu districtal.

4.º O pateo interior do recinto deve ser limpo e ajardinado, applicando-o para museu das grandes peças que não possam ser comprehendidas nas salas.

5.º A torre de menagem deve ser restaurada interiormente e abertas as respectivas janelas.

É evidente que a camara de Braga não possui meios para estas obras; póde, todavia, realizá-las successivamente, não prejudicando a final unidade.

Se assim praticar, a camara terá feito um serviço relevante á cidade de Braga, conservando-lhe os restos das suas antigas fortificações romanas e medievaes, e apropriando-as a uma instituição digna da antiquissima e historica *Bracara Augusta*.

(Do *Seculo*, de 27 de Novembro de 1905).

## II

### Demolição da muralha do castello

«Realizou-se hoje a manifestação de agradecimento e sympathia que a direcção do Montepio de S. José promoveu em honra do par do reino Rodrigues de Carvalho, Visconde de Nespereira governador civil, Dr. Soares presidente da camara, Dr. Artur Soares administrador do concelho, e Lopes Reis presidente da commissão da defesa dos interesses de Braga.

Tomaram parte na imponente manifestação todas as associações de classe, acompanhadas por quatro bandas de musica, e muito povo.

Os manifestantes, percorrendo as ruas, aclamavam delirantemente os cavalheiros citados, chegando ao delirio quando principiou a demolição da muralha».

(Do *Diario de Noticias*, de 17 Novembro de 1905. Correspondencia de Braga, datada do dia 15).

\*

Em que mãos caiu a tua gloria, *Bracara Augusta!*

J. L. DE V.

## Acquisições do Museu Ethnologico Português

Janeiro de 1905

Numa excursão pela Estremadura Transtagana obtive o Director do Museu os seguintes objectos:

meio vaso de barro prehistorico, com caneluras, um vaso romano de barro, e onze instrumentos prehistoricos de pedra,— tudo offerecido pelo Sr. **Francisco Ignacio da Costa Palma**;

um anelinho romano de ouro e onze moedas romanas de cobre, offerecidos pelo Sr. **Augusto Ernesto Teixeira de Aragão**;

varios objectos ethnographicos (modernos): dois testos de barro ornamentados, um *arrimador*, seis fusos, tres *cossoiros* ornamentados, um chocalho metallico, sete guisos, uma agulha de coser alcofas, um instrumento metallico de marcar doce, um molde metallico de fazer doce, uma colher de chifre, um *zum-zum* de madeira;

um agulheiro grande (ethnographia moderna), offerecido pelo Sr. **Dr. Manoel Mateus**;

varias medalhas portuguesas e contos de contar;

varias moedas portuguesas, e entre ellas um cinquinho de D. Manoel;

cinco pesos de rede, seis pesos de tear, um disco de barro, tudo romano, dois fragmentos de louça grega, e um objecto de ferro, talvez romano,— offerecidos pelo Sr. **Joaquim Correia Bâtista**;

um tinteiro romano de bronze, obtido por compra;

uma placa marmorea romana;

varias moedas romanas offerecidas pelos Srs. **José Maria Durães** e **Carlos Soares**;

uma moeda de *Myrtilis*;

um relicario metallico, uma moleta em miniatura (ex-voto) e dois amuletos;